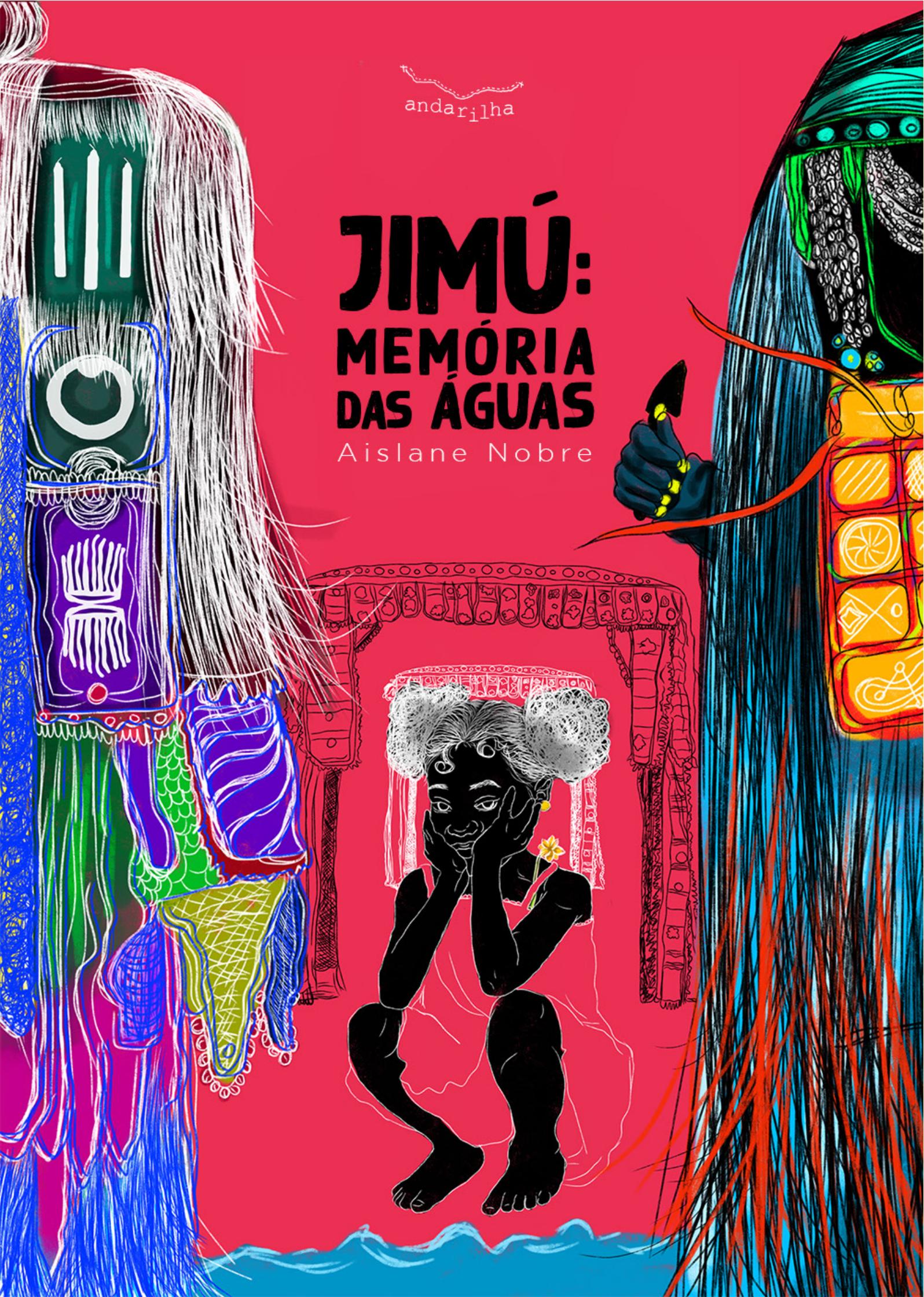


andarilha

JIMÚ: MEMÓRIA DAS ÁGUAS

Aislane Nobre





andarilha

JIMÚ: MEMÓRIA DAS ÁGUAS

AISLANE NOBRE

Aos meus ancestrais: avô Arivaldo Nobre e seus irmãos, tia Vandete Nobre e tio Moacyr Nobre, sua mãe, minha bisavó Edith e seu avô, meu tataravô Teodoro;

À comunidade do Ilê Omo Agboulá;

Aos meus conterrâneos da Ilha de Itaparica;

E para a filha de Oxum mais especial que conheço, minha Tia, Edith Nobre (JIMÚ), que sempre alimentou minha memória com as suas histórias.

Agradeço ao tempo, ao vento e ao mistério...

A Olorun e à minha ancestralidade.

Às minhas famílias consanguíneas e de Asé.

Em especial, à minha família paterna que me criou e tem boa parte da responsabilidade pelo meu sucesso. Fico feliz por confiarem em mim e em quanto a arte pode transformar vidas. Assim, gratidão à minha avó Agneta, meus pais Eularice Reis e Álvaro Nobre, minha irmã Thaislane e meus irmãos Orlando Henrique e Vinicius. Também, à minha sobrinha Maria Júlia - Maju, minhas tias Regina e Narlene, meu tio Arivaldo Filho, minhas primas Rafaela, Dara Diana, Isabele, Luiza e, por fim, meu primo Rafael. Amo vocês!

À minha Tia Edith, mais conhecida como Tia Ditinha, que me educou e colaborou para a fertilidade do meu imaginário, ao me contar as histórias da sua infância. Foram essas narrativas a fonte para produção destes contos, obrigada por me deixar compartilhá-las. Que Oxum Ijimú continue te abençoando, só tenho a agradecer a ela e a Olorun por sua existência.

Aos meus tios Cláudio e Raimundo Alves, Mãe Fátima, Pai Vito e sua companheira Lisandra, pela escuta e afago de sempre.

Aos meus sogros Maria Neide e Carlos Antônio e ao Eduardo Pereira, meu companheiro, por ter realizado a transcrição dos áudios, com todo cuidado e carinho. E por estarem me encorajando constantemente e acreditando em mim e em meus projetos.

À Ludmila Nobre (prima) e Nathália Nobre (sobrinha), que tiveram o desejo de adentrar o universo desconhecido dos contos e produziram lindamente as ilustrações comigo.

À Tassila Custodes, que se encantou com Jimú e traduziu, de forma sublime, o seu universo estampado nesta capa e marcando presença nos grafismos do miolo.

À Juliana Piauí, que abraçou o projeto e nos presenteou com o prefácio. E ao Magno Rodrigues Farias pela colaboração.

À Thais Mota, pela ternura que transparece no projeto gráfico e nas peças de divulgação.

À Deisiane Barbosa e Maíra Vale, pela atenciosa edição e revisão.

À andarilha edições, que acreditou no projeto desde o início.

Ao Filipe Mimoso, que trabalhou na edição dos áudios.

Aos meus professores José Antônio Saja (in memoriam), Sérgio Saldanha, Evandro Coelho, Jonilson Silva e ao meu Orientador Eriel Araújo, pelo estímulo e por acreditarem em meu potencial artístico.

A todos os meus amigos e amigas, em especial Geancarlos Barbosa, Deisiane Nonato, Mário Vasconcelos, Zinalva Ferreira, Isabela Moriel, Graça Teixeira, Lucas Alves, Milena Soares, Ana Elisa Carneiro, Janaína Grasso, Thais Mota, Danielle Lima, Ifadeyin Fakoladê, Andrea Mendes e Tali Boy, que estão sempre dispostos a conhecerem e opinarem sobre as minhas criações.

À Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e Fundação Pedro Calmon, pelo investimento e incentivos, fundamentais à realização deste projeto.

E a todes que estiveram presentes em minhas travessias...



SUMÁRIO

- 08 Prefácio
- 10 A erê e a escrava
- 15 O Exú de Giã
- 20 A porteira e o mistério
- 25 Nira encontra Babá Olobojô
- 29 O recado de Babá Obaerin
- 32 As flores de Yansã
- 35 Jimú, a filha de Babá Xaorô
- 43 A história de um anjo chamado Jasmim
- 49 Oxumarê e Exú salvam Káká
- 54 A desobediência
- 59 A vela
- 63 O mistério do sagrado
- 69 Jimú, sou eu, seu pai
- 74 O galo de Babá Xaorô
- 80 Posfácio



Clique aqui para acessar áudios com alguns depoimentos de D. Edith Nobre, além de outros relatos sobre o processo criativo deste livro.

PREFÁCIO

A cada página, o(a) leitor(a) é convidado(a) a percorrer caminhos que desembocam em terrenos banhados de mistérios, magias e sabedorias.

Em **Jimú: Memória das águas**, conchinhas de histórias recolhem vozes ancestrais e nos revelam o frescor e os encantos que enredam encontros entre Orixás, Egunguns e tantos seres da terra, entre os quais figuram os seres humanos.

É a força da natureza inscrita em cada paisagem, cada recanto, cada personagem, cada encontro! E que só enxerga quem tem olhos de ver!

De forma penetrante embarcamos nas façanhas da destemida Jimú, menina que nasceu com Omi Ojú, com os olhos de água.

Jimú, enleada a tantas outras personagens de sua família e comunidade, nos oferece os lemes para navegar por histórias

de aventura, vidência, destreza, assombros, liberdade, perigos, proteção, feitiço, cura, desobediência, respeito, traição e amor.

São muitos os matizes que revestem os corpos e as paisagens dos contos, e que narram as belezas e as fagulhas de um cotidiano fantástico de personagens que vivem entre travessias pela Ilha de Itaparica e Salvador. Lugares que transportam águas em seus veios. Águas afro-atlânticas.

Realidade e imaginação, passado e presente, Ayiê (terra) e Orun (céu) aparecem interligados, feito fio que anela as contas de um belo e precioso colar de histórias.

Um livro para todas as idades, Jimú: Memória das águas nos recompõe imaginários poéticos, espirituais, sensíveis e brincantes em que a infância floreia entre quintais, frutas e jasmims.

São histórias que contam sobre um povo atento ao segredo e ao sagrado das coisas e que dedilham os sinais que entretecem a memória e o tempo!

Juliana Piauí



A ERÊ E
A ESCRAVA

Jimú era diferente de todas as crianças que moravam rodeadas pela cerca feita de pedras, Ilha de Itaparica. Não sua aparência física – rechonchuda, pele negra, cabelos cor da noite e traços grossos. Ali havia muitas crianças com o seu fenótipo, mas o diferencial de Jimú é que ela podia enxergar coisas que poucas pessoas enxergavam. O mistério... a linha tênue que ligava os dois mundos, o Ayiê – a terra e o Orun – o céu.

Sua primeira visão foi aos cinco anos, quando mudou-se da casa de sua avó Índia para outra casa do sítio – que os mais velhos chamavam Sítio da Magia, por ter pertencido ao africano que foi um dos principais sacerdotes do Culto ao Egungun, na Ilha, o finado Marcos. Por acharem que as energias dos antepassados cultuados por ele ainda se faziam presentes naquela terra, atribuíram esse nome ao lugar.

A casa ficava à margem do sítio. Era bem modesta, mas nela cabia seus pais e os três irmãos. Yaiá, sua mãe, vivia para eles, não trabalhava fora e fazia, vez ou outra, umas costuras para complementar a renda da casa. Sua beleza e simpatia encan-

tavam a todos, não eram poucos os elogios por conta dos seus cabelos loiros e os olhos verdes. Jimú tinha alguns traços da mãe, mas parecia mesmo era com o pai, Seu Giã. Um negro incansável que trabalhava em dois lugares para que não faltasse nada para a sua família. Tinha o mesmo formato da boca e dos olhos do pai – assim como ela, sua irmã Nira e os irmãos Káká e Tito, apesar de todos terem nascido com cores de pele diferentes.

Como eram muitos e a casa tinha somente um quarto, alguns dormiam na sala. Sua mãe tinha o costume de colocar todos nas camas improvisadas, bem cedinho. Assim, antes das 18:00 horas, seus filhos já haviam tomado banho, café e estavam todos deitados. E era quando pegavam no sono que a magia acontecia...

Certa noite, Jimú olhava para o teto da sala, quando viu surgir uma moça muito bonita, embalando uma criancinha no carrinho de bebê. A moça pegou a criança, colocou no colo para ficar ninando, mantinha na face um sorriso. Jimú não enxergava o bebê, por ele estar coberto. Então, concentrava-se apenas na mulher, que usava um lindo vestido azul claro, contrastando com a sua pele cor de caramelo. Tinha os cabelos pretos, levemente cacheados e longos, escorriam pelo seu corpo, moldando suas curvas, pareciam um manto. O castanho dos seus olhos brilhava de alegria e aquela felicidade contagiava Jimú.

Ao escutar um barulho, olhou para o canto da sala onde ficava a máquina de costura da sua mãe. Dali aparecia uma outra mulher, uma senhora idosa, de pele bem retinta, usando uma roupa esgarçada, suja, como se carregasse carvão. Ela andava com uma lata na cabeça, fumaçando, parava ao lado da mesa e despejava todo o lixo que trazia. Sua feição séria e a forma como a encarava, assustaram a menina.

Enquanto a mulher que embalava a criança a encantava, a senhora a assombrava. Sempre que a via, Jimú começava a

gritar e, por dias, a mesma cena se repetia. À noite, seus pais já não dormiam e mesmo estando ao lado da filha, aquelas visões ainda apareciam para ela. Nem seu pai, que era do candomblé, sacerdote do Culto a Egungun no terreiro Ilê Agboulá, acreditava no que Jimú via. E como só ela enxergava aquelas assombrações, todos achavam que a criança beirava a loucura.



Foi quando Dona Bené, a senhora mãe de santo, que morava na casa antes deles, solicitou a Yaiá uma costura. Ao encontrar Jimú, abraçou-a e perguntou como ela estava. A menina abriu o coração:

– Ô, Mãe Bené, ninguém acredita em mim... Eu vejo. Toda noite, vem uma moça que brinca comigo e me distrai. Ela é muito linda e embala uma criança. Mas quando eu olho aqui pro canto da máquina, onde fica a máquina, eu vejo uma senhora jogando lixo com a lata fumaçada. Jogando, jogando lixo e torrando lixo. E essa senhora olha pra mim, enfezada. Eu fico com tanto medo.

Mãe Bené acariciou seus cabelos e falou a Yaiá que nunca mais chamasse a filha de maluca, pois aquilo não era delírio. Ela garantiu que Jimú realmente via tudo aquilo, que a moça que lhe aparecia, com a criança, era a sua Erê. Já a senhora que entornava lixo, era a escrava do seu orixá. Então explicou o motivo disso estar acontecendo a Yaiá e Giã. Antes deles, era ela quem morava naquela casa; na sua saída dali, era necessário que fosse feita uma limpeza espiritual no lugar, mas não foi realizada. Além disso, havia também algumas coisas no quintal que Jimú e sua irmã Nira brincavam e não sabiam que eram sagradas. Objetos dos seus Orixás que as crianças descobriram, tendo cavado o chão do quintal.

Depois de tudo explicado, no dia seguinte, Giã e Mãe Bené chamaram algumas pessoas e realizaram a limpeza na casa, retirando também tudo o que pertencia aos Orixás de Mãe Bené. Somente depois desse dia é que Jimú finalmente deixou de ver a Erê e a escrava.



O EXÚ DE GIÃ

Aos sete anos, Jimú adorava brincar. Como Yaiá, sua mãe, era costureira, a diversão da menina e da irmã, Nira, um ano mais velha que ela, era criar novos modelitos para vestirem as bonecas. Para isso, aproveitavam os retalhos de tecidos.

Um dos momentos mais alegres era o da chegada de clientes, solicitando serviços de costura a Yaiá, pois elas já sabiam que certamente haveria mais tecidos para as brincadeiras. E mesmo assim, quando não sobrava retalhos, havia outra senhora que costurava no sítio, Dona Tonha. Era atrás dela que as meninas iam.

Dona Tonha morava um pouco distante, em uma área mais abandonada do sítio, onde havia muitas mangueiras. Como já tinham o costume de ir em busca de manga, não temiam o local. Astutas, observavam a senhora de longe e já conheciam toda a sua rotina. Ela acordava bem cedinho, para dar início às costuras, e perto do meio-dia jogava os retalhos no pé do bambuzal, que fica a alguns poucos metros de distância da casa.

Depois de quase três dias sem novos tecidos:

- Jimú, vamos pegar os retalhos no bambuzal de Dona Tonha?

- Ai, Nira, não sei... - disse Jimú.

- Vamos! Ela vai jogar os retalhos daqui a pouco, já deu 11h30.

Desse modo, as duas nem almoçaram, avisaram à mãe o que iriam fazer e partiram em direção ao bambuzal. Na saída de casa chamaram Rex, o cachorro da família. Seguiram brincando com ele, que corria de um lado a outro, balançando os pelos pretos e brilhantes, jogando-se em cima das duas. Quando chegaram em frente ao bambuzal, Jimú disse:

- Vamos, Nira, agora! Catar, ói, ela já jogou.

A cegueira pelos tecidos era tanto que não a deixou enxergar o que estava ao redor. Quando Jimú adiantou-se e começou a coletar os pedaços dos tecidos, Nira começou a gritar:

- Jimú, toma cuidado! Jimú, ele vai te pegar, tá do seu lado.

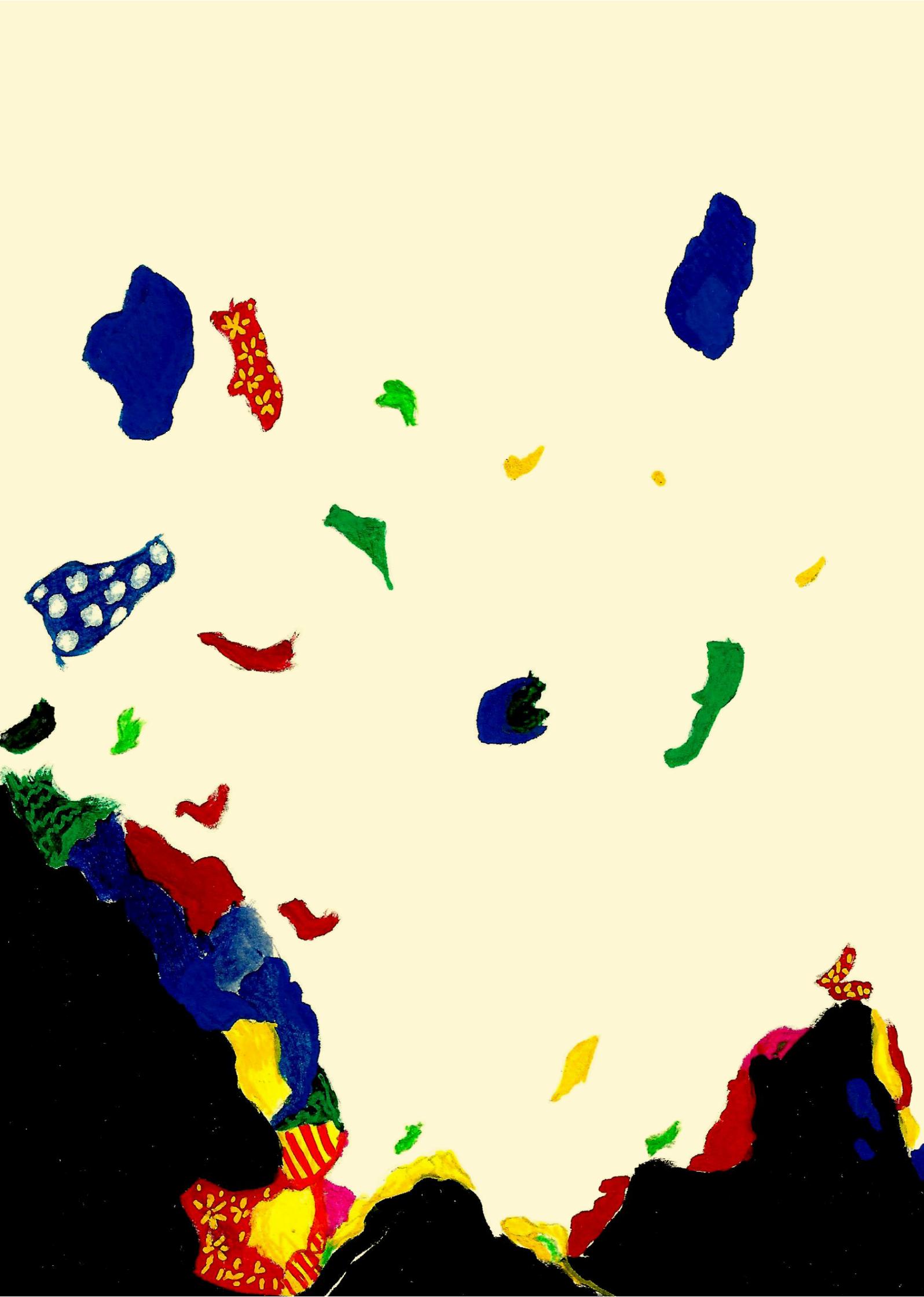
Rex começou a latir muito. Latia para o nada e latia tanto que chegou a espumar, rosnar, mas não saía do lugar. Era um latido de medo e respeito. Jimú não entendia o motivo dos gritos de Nira e a agonia de Rex, portanto, continuava a catar os retalhos.

- O quê?! Ninguém vai me pegar não, Nira.

- Vai sim, tá aí do seu lado, Jimú!

Quando Jimú olhou para o lado foi que viu um homem. Ele era bem pequeno e muito retinto, estava vestido com uma roupa preta e trazia um grande chapéu de palha na cabeça. Aproximou-se e sorriu. O sorriso encantou tanto a Jimú, que ela teve vontade de abraçá-lo. Quando ela ia... Nira gritou:

- Nãaaaaao... Não deixe, Jimú, ele vai te pegar!!!!



Nira desmaiou e Rex saiu correndo. Quando viu sua irmã caída no chão, Jimú esqueceu do homenzinho e começou a gritar. Seus gritos ecoaram por todo o sítio, chorava desesperadamente. Como a casa mais perto era de Dona Tonha, foi ela que chamou os vizinhos para acudir Nira. Pegaram seu corpo desmaiado e mergulharam em um tonel de água, aos poucos ela foi reagindo. Enquanto todos procuravam entender o que havia acontecido, discretamente, Jimú abaixou-se e perguntou à irmã por que ela havia ficado daquele jeito, já que o homenzinho não tinha feito nada a elas e até já tinha sumido.

Quando chegaram em casa e contaram aos seus pais o ocorrido, Giã explicou a elas que não era para terem medo do que tinham visto, pois era aquele homenzinho quem as protegia, era o seu Exú. Ainda assim, Nira demorou a entender e ficou um bom tempo assombrada, não corria mais o sítio, nem ia com outras crianças catar mangas perto do bambuzal. Já Jimú, a menina dos Omi Ojú - dos olhos de água, não teve medo, acostumou-se com a imagem de Exú e não deixou que ele fugisse da sua memória.



A PORTEIRA E O MISTÉRIO

Existia uma senhora chamada Mariinha que morava em frente ao sítio. Ela não casou-se nem teve filhos, vivia para a caridade e era uma católica fervorosa. No mês de junho, costumava rezar para Santo Antônio e como gostava muito de Jimú e Nira, pediu para que Yaiá as levasse em sua casa, para o último dia da reza.

As crianças demonstraram interesse e Yaiá então atendeu ao pedido de Mariinha, arrumou as filhas e desceu para o sítio. Atravessou a rua e as entregou à senhora, recomendando que elas se comportassem e voltou para casa. Jimú e Nira estavam contentes, o motivo pelo qual queriam tanto ir na reza não era por Santo Antônio e sim pela comida ofertada.

– Ôba, Nira! Tem muita gente, vamos comer muuuuito bolo, tomar bem arroz doce e mingau – cochichou para a irmã, entre risos.

Ansiosas, imitavam os convidados, faziam gracejos sobre as roupas e procuravam sinais do lanche que Mariinha serviria. Rezavam sim, mas também desejavam o término do encon-

tro, queriam mesmo era provar dos bolos, mingaus e o arroz doce.

Ao final da reza... nada. Não teve nenhum lanche, para a zanga das crianças, que se sentiram enganadas. Sem sorrisos, despediram-se dos convidados e deram as mãos à Mariinha, para atravessarem a rua. Chegando na porteira, ela pediu que subissem o sítio e fossem para casa.

Além de não levá-las a Yaiá, Mariinha também não esperou até que entrassem em casa. Como já era tarde da noite, Jimú e Nira se viram sozinhas e ficaram com medo de subir. Então começaram a gritar pelos pais para que fossem buscá-las.

– Mainha!!! Mainha!!! Painho!!! Painho!!!

E nada deles saírem...

Quando Nira olhou para a mangueira que ficava próxima da sua casa:

– Jimú, cê tá vendo o que eu tô vendo? Olha pra lá, o que é aquilo ali?

– Não sei, irmã! Não sei!

Avistaram uma coisa bem estranha saindo de baixo da mangueira e se direcionando a elas. A coisa parecia um boneco gigante, coberto por pedaços de tecidos, andava de forma esquisita e em câmera lenta. Quando ele olhou para as meninas, Nira começou a gritar ainda mais alto:

– Maiinha!!! Maiinha!!! Abre, que ele quer pegar a gente!

Jimú lhe pediu calma, abriu a porteira, sugeriu que corressem o mais rápido possível e entrassem em casa com tudo, pois, como os pais já estavam esperando por elas, a porta deveria estar encostada.

Apesar de mais nova, Jimú sempre foi mais corajosa, segurou a mãozinha da irmã e foram caminhando. Cada passo que davam, ele dava outro à frente. Os olhos delas não conseguiam

desgrudar da criatura estranha. Mas a menina começou a se perguntar o que ele seria... o mistério a atraía. Ela queria mesmo era se aproximar mais e perguntar quem ele era e o que estava fazendo ali sozinho.

Percebendo que Jimú estava se encantando, Nira apertou sua mão fortemente e disse:

- Bora, Jimú! Quando eu contar 1, 2, 3 a gente corre com tudo e arromba a porta.



Subiram correndo e gritando. Como a porta de fato estava encostada, pararam no meio da sala, assustando Yaiá, Giã e os irmãos.

– Vocês vieram sozinhas? O que aconteceu? – perguntou Giã.

– Painho, painho!!! Venha ver, painho. Ele vai entrar, venha ver!

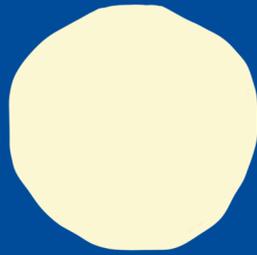
– Nira tentou explicar.

Achando que poderia se tratar de desconhecidos rondando sua casa, Giã atendeu o pedido das filhas e foi dar uma volta no sítio, mas nada encontrou.

– Vocês ficam brincando muito de dia, fazendo essas brincadeiras estranhas... de noite ficam vendo essas coisas!

Naquele dia, Nira não dormiu e, portanto, não sonhou. Muito impressionada, só conseguia lembrar do que viu no sítio e foi procurar a cama dos pais, na madrugada. Já Jimú dormiu e teve um sonho lindo. Banhava-se nas águas mornas de uma cachoeira, ornamentada de flores. No meio daqueles pontos coloridos surgia a criatura, olhando para ela. Observava, atentamente, o movimento daquele corpo que, apesar de estranho, não lhe assustava. Meigos eram os seus passos. O corpo colorido entrou na água para aproximar-se dela e em sua frente desbotou-se, coloriu todo o líquido pertencente à cachoeira e se tornou humano.

E foi assim que Jimú conheceu um dos seus ancestrais...



**NIRA ENCONTRA
BABÁ OLOBOJÓ**

Todo início de mês, Giã atravessava o mar para fazer compras em Salvador. Adorava fartura e na Ilha de Itaparica não havia grandes mercados, além dos valores dos alimentos serem bem mais altos.

Seus filhos e esposa sempre esperavam ansiosos pela sua volta. Em um dos meses, prometeu a Nira uma bola de praia, assim, enquanto Tito e Káká exploravam o quintal, brincando de pique esconde, Nira e Jimú estavam na porta de casa, contando segundos para a volta do pai.

Não falavam em outra coisa a não ser nas brincadeiras que faziam na praia, com a sua nova e gigante bola colorida. Nira, que fez o pedido ao pai, não conseguia sequer disfarçar a euforia. De minuto em minuto, ao ouvir um barulhinho de carro se aproximando, chamava Jimú até a mangueira que tinha ao lado da sua casa, para ver se era ele chegando. Ali era um ponto estratégico, ficava quase no topo do sítio, de onde tinham uma visão privilegiada, pois conseguiam enxergar a pista.

Giã costumava fretar uma Kombi para levar as compras até a casa e elas sabiam exatamente o barulho do motor. Ao escutar um novo ruído, Nira disparou até a mangueira achando que já era o pai, mas, novamente alarme falso, voltou para casa. Foi aí que teve a ideia:

– Jimú, vamos ficar lá na porta de Dona Bele esperando Pai, porque a Kombi para lá e eu quero muito ver a bola que ele vai trazer.

A irmã topou. Quando saíram de casa, ouviram um novo barulho, Nira correu, pulou as volumosas raízes da mangueira até chegar ao seu grande tronco, certificando-se que desta vez seria seu pai. Nesse momento, uma folha seca caiu sobre seu ombro e ao olhar para cima, ficou paralisada e gritando. Jimú estava em frente da porta de casa e perguntou:

– O que é, Nira?

– É ele, ele, ele ali. É Babá!!!

Nira, que nunca havia ido a uma festa de Egungun e, portanto, não conhecia Babá pois preferia sempre ficar com sua avó Índia, sabia, de ouvir, como deveria ser sua aparência. Já Jimú, achando estranho Babá aparecer daquela forma, também não se moveu e continuou a perguntar:

– Que Babá, Nira?

– É ele.

– Ele quem, Nira?

Ela disse:

– Jimú, ele tá se aproximando de mim.

Ela pegou... PÁ! – caiu.

Nira desmaiava sempre que constatava a estranheza da vida, não tinha curiosidade com o mistério, ela tinha medo do desconhecido.

Giã, que observava o que acontecia de longe, quando viu Nira desmaiando, largou as compras e foi socorrê-la. Mesmo preocupada, Yaiá ainda pediu para que vizinhos a ajudassem a levar as coisas para casa. A passos lentos, Jimú foi se aproximando do pai e da irmã, presenciou quando ela foi voltando a si e quando Giã deu-lhe um copo de água e pediu para que andasse devagar.

Quando os vizinhos foram embora, ele perguntou o que Nira havia visto. Chorando, ela lhe contou tudo:

– Que Babá foi que cê viu? – perguntou Giã.

– Olobojô.

Ela não sabia, não o conhecia, nunca tinha o visto antes, no entanto, disse que ele havia falado pra ela que seu nome era Babá Olobojô. Giã achou estranho, pois não havia como ela ter inventado aquela história. Realmente existia, no Ilê Agboulá, um Babá chamado assim. Então resolveu fazer uma oferenda ao Babá e levou Nira para saber se ele tinha algo a lhe dizer.

Quando a entidade apareceu no salão, Nira começou a gritar:

– Foi ele, foi ele que apareceu pra mim!!! Foi esse Egun daí que apareceu pra mim!!!

Sua voz infantil ecoou pelo salão do terreiro, Olobojô gritou de alegria ao vê-la e afirmou que realmente ele apareceu para a menina e que ela era filha de Yansã, assim como ele. Ainda contou que havia aparecido porque gostava muito dela.

Enquanto Giã ia traduzindo a Nira tudo o que Olobojô falava, em Yorubá, o seu coração ia se enchendo de alegria e amor. Suas lágrimas escorreram, ela olhou para Giã, para Jimú, que também a acompanhou, e para Olobojô, percebeu que era mais amada do que imaginava. E até hoje Nira não esqueceu esse momento e nunca tirou Babá Olobojô do seu coração.



O RECADO DE BABÁ OBAERIN

Se tinha uma coisa que Yaiá não tolerava era traição. Mas Giã vivia lhe traindo com outras mulheres e as brigas entre eles eram constantes. Yaiá vivia estressada com as atitudes do marido e era Jimú a filha que mais tomava suas dores.

Ela era doce, mas, ao mesmo tempo, brava e atrevida. Era um tipo de água tranquila, mas que sabia o momento exato de virar redemoinho. Desse modo, temendo sua personalidade, o pai escondia dela seus romances. Mas quando Jimú os descobria, tomava a frente da situação. Ficava de tocaia, esperando as mulheres passarem para ameaçá-las ou agredi-las.

Quando se magoava com Giã, Yaiá ficava soltando palavras negativas ao vento, pedindo que seu falecido pai a levasse embora para o Orun. Houve um dia em que estava tão entristecida, que algo inusitado lhe aconteceu.

Era uma manhã como qualquer outra, ainda cedo, todos dormiam, a casa se encontrava fechada, sem janelas ou portas abertas. Como Yaiá havia descoberto mais uma das traições do marido, já levantou-se raivosa e se lamentando pelo seu casamento. Resolveu fazer o café. Em sua cozinha havia dois

fogões feitos de cimento, que eram abastecidos por lenha. Como havia somente um resto de carvão, resolveu encher as fornalhas de papel.

Depois de fazer isso, começou a lamentar e a chamar pelo seu pai e nessa hora os papéis das fornalhas começaram a voar. A casa estava toda fechada e ela ficou sem entender de onde vinha o vento, foi ao uivar em seus ouvidos que Yaiá assombrou-se e começou a gritar. O vento espalhou o papel por toda casa, alcançando todos os cômodos. Giã e as crianças acordaram tentando entender o que estava acontecendo e assustados com os gritos da mulher. Giã tentou acalmá-la, perguntou o que havia acontecido. Ainda em choque, nada respondeu. Giã foi ao Ilê Agboulá saber dos Egunguns o que havia acontecido, pois o que eles viram não era normal.

Babá Obaerin então pediu para que Giã buscasse a esposa, pois queria falar com ela. Chegando lá, Ihe pediu para que nunca mais chamasse pelo seu pai, pois ele estava desassossegado. Ele já havia feito sua passagem para o mundo dos mortos e que ela não deveria ficar o chamando.

Yaiá precisou tomar alguns banhos, tendo como meta o afastamento das energias espirituais do pai, que estavam à sua volta. Quando soube do pedido que Obaerin fez, Jimú lembrou-se que foram muitas as vezes que ela ouvia seu avô chamando a filha da mangueira, perto do meio-dia e quando dava seis horas da noite.

- Yaiá, ô Yaiá! Yaiá, ô Yaiá!

- Mainha, quem é que te chama tanto assim, todo dia?

- É seu avô!

E o que mais surpreendia Jimú era que sua mãe tinha consciência de que o pai a acompanhava, e por este motivo vivia o chamando, mas não pensava nas consequências dos seus atos. Nessa hora, Jimú compreendeu o quanto sua mãe amava Giã, o quanto as traições a machucavam e o quanto era necessário deixar descansar quem já havia partido.



**AS FLORES
DE IANSĂ**

Lembro-me do cheiro da terra do sítio e do gosto da água da cisterna que ficava no fundo da casa da minha avó Índia. Todos que moravam lá, pegavam água desse poço. No caminho, encontravam a casa de Dona Inês e a mangueira Itaparica. Era abaixo dessa mangueira que eu costumava brincar, montava a casa das minhas bonecas ali e passava o dia todo explorando aquele território.

Aos dez anos de idade, houve um dia em que fui catar mangas. Como no cesto já tinha uma quantidade suficiente, fiquei desfrutando a sombra da Itaparica e observando a vida alheia. Foi quando ela passou...

Rosa devia ter 25 anos de idade, era uma das mulheres mais bonitas que eu conhecia. Sua pele negra revestia seu corpo robusto, seu cabelo crespo vivia solto, costumava usar vestidos longos que desenhavam sua cintura, mas sempre amarrava suas pontas para que facilitassem seus passos enquanto equilibrava a lata de água em sua cabeça.

Vinha sozinha com a lata vazia na mão, sorriu e seguiu para

a cisterna. Quando voltou eu ainda estava no mesmo lugar. Mesmo carregando o peso da água, ela foi falar comigo.

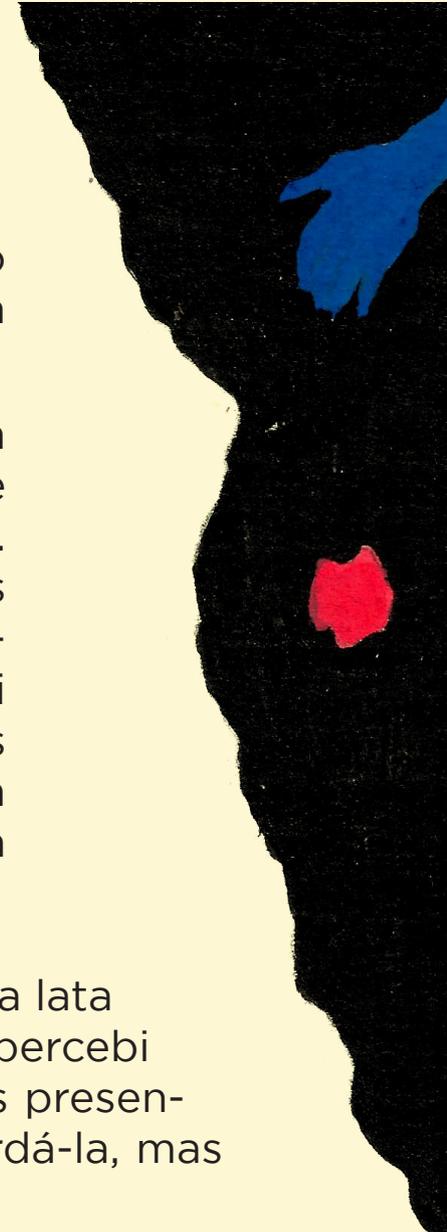
Ao parar para me cumprimentar, flores caíram em seu corpo. Quando ela olhou para cima e as flores tocaram em seu rosto, Rosa desmaiou. Foi, com certeza, uma das cenas mais bonitas que presenciei em minha infância. De onde vieram aquelas flores? Eu não sei. Não consegui olhar para cima, só acompanhei o passear das pétalas pelo seu corpo, o modo como tocavam sua pele e como a mulher Rosa também estava se transformando em flor.

Quando ela caiu, seu corpo foi para um lado e a lata de água para outro. E foi ao me molhar que percebi que a cena não era um sonho. Alguns vizinhos presenciaram o desmaio e fizeram de tudo para acordá-la, mas

não conseguiram. Assim, chamaram Mãe Bené, a Mãe de santo mais próxima. Ela fez uns procedimentos no corpo da moça, pediu para que levassem Rosa para sua casa e que ninguém encostasse nas flores.

Eu estava sentada, abraçando os joelhos, escorada no tronco da mangueira e observando as flores caídas no chão molhado. Mãe Bené, abaixou-se, ficou de frente para mim, sorriu levemente, como se quisesse dizer: “vai ficar tudo bem”. Começou a catar as flores, uma por uma. Uma por uma... Recolheu todas e levou consigo, em silêncio.

Soube, no dia seguinte, que ela teria de cuidar do seu Orixá. Rosa casou-se, teve filhos e após alguns anos, cumpriu o seu destino, iniciou-se para Yansã.





**JIMÚ, A FILHA
DE BABÁ XAORÔ**

Jimú foi tomada como filha de Babá Xaorô aos cinco anos de idade no terreiro do Sr Roxinho, no Barro Branco, nos braços de Mãe Bené. Então, desde quando Babá Xaorô a tomou como filha, proibiu seu pai de bater nela. Giã não gostou muito da intervenção, pois só ele e Yaiá sabiam o trabalho que Jimú lhes dava.

Aos 11 anos de idade era uma criança muito levada, rebelde e atrevida, que adorava desbravar o sítio, saía correndo mato adentro, levando tudo pela frente. Adorava ficar no matagal, no meio das preás, das árvores e colhendo frutas. Lá, sentia-se livre, estava em seu paraíso. Então, não media esforços para fazer o que queria e isso tirava seus pais do sério, pois ficavam preocupados. Afinal, mato também é local de perigo.

Por ter um jeito hiperativo, para tudo o que acontecia em casa, era Jimú que levava a culpa. Como Giã criava aves e galos de briga, sempre que acontecia alguma coisa, como o sumiço de ovos, de sua tesourinha e medicações, se aparecesse algum bicho mancando ou qualquer outra coisa, Giã dizia:

- Foi Jimú!

Mas nem sempre ela era culpada, somente algumas vezes... Vivia desafiando a autoridade do pai, por saber que ele não a surraria. Assim, adorava mexer em suas coisas.

Como sempre gostou de costurar roupas de boneca, um dia pediu à sua Tia Uda para lhe ensinar a colocar lacinho nos modelitos e ela mandou que a menina fosse lá com seus materiais. Jimú não tinha tesourinha, então, nesse dia, pegou a tesoura de seu pai, usada para tosar os galos.

Giã saía de casa no nascer do sol para cumprir o primeiro turno no trabalho. Ao meio-dia, ia para casa almoçar, aproveitava para descansar um pouco e retornava ao trabalho. Nesse dia, por coincidência, chegou procurando a tesourinha que Jimú havia pego em sua sacola e não a encontrou. Começou a discutir com Yaiá por não ter encontrado e ela logo disse:

- Isso foi Jimú que pegou pra fazer roupa de boneca. Jimú, cadê a tesoura de seu pai?

A menina respondeu que havia posto na sacola, mas lá não estava. Quando ouviu o grito dele, escondeu-se no quintal, no meio das bananeiras. Giã foi de mansinho e atirou em suas costas o osso da galinha que acabara de comer. Quando sentiu a dor, Jimú saiu correndo e seu pai foi atrás.

Percorreram todo o sítio, parecia que estavam com motores nos pés. Era uma cena cômica, as perninhas tortas de Jimú trocavam de ritmo. O suor corria pelo seu rosto e sua maria chiquinha já tinha perdido o volume de tão encharcada. Atrás dela, Giã seguia com a farda do trabalho já toda molhada, cansado, chamando-a de pestinha e lhe prometendo uma surra inesquecível. Quando ela ouvia a palavra surra, aí que acelerava e ele ficava pra trás.

Quando chegou na mangueira, perto do bambuzal, onde Nira havia desmaiado um dia, foi passando com cuidado, pois a mangueira tinha os galhos traiçoeiros. Quando Giã também

passou, sentiu o peso de um galho em sua cabeça, o que despertou ainda mais sua ira. Continuaram a correr...

Jimú ia entrar no bambuzal quando viu, de longe, um ser estranho, vestido com uma estampa floral, cor de rosa, em cima de uma das mangueiras. Parou de correr e gritou:

- Vai pegar, pega ele! Não me pegue não, pega ele!

Giã, nada viu ou ouviu, mas a alcançou e fincou o osso nas suas costas. Foram Yaiá e Dona Inês que tiraram o osso que ficou preso na pele da menina que, muito chateada, começou a clamar por Babá Xaorô:

- Eu te entrego a Xaorô! Xaorô disse que não é pra me bater, que eu sou filha dele. Eu te entrego a Xaorô. Xaorô vai saber que o senhor me bateu. Xaorô vai te castigar.

Passaram-se tempos e Giã não conseguia esquecer que ela tinha perdido a sua tesoura e o fez correr quilômetros para castigá-la. Sempre que saía, recomendava que ela se comportasse e não mexesse em suas coisas. Um dia, Jimú estava no meio das flores, sentada no jardim, plantando, quando Giã foi saindo para trabalhar, olhou para ela e disse:

- Olhe, eu tô indo trabalhar. Vê se não pega as minhas coisas, ouviu?

- Tá.

Ao descer a porteira, ele olhou para trás e flagrou Jimú lhe dando banana - parecia que Giã tinha olhos nas costas. Como ele nunca aceitou ser desrespeitado, tirou um cipó, daquele chamado "cabeça de formiga", que dói na alma, e pediu que não corresse, pois daquela surra ela não iria escapar. Jimú ficou com tanto medo que nem reagiu, ele a pegou pelo braço e deu a surra prometida. A menina gemia de dor, mas as lágrimas não desciam, seu corpo já estava amolecido e todo arranhado quando seu pai parou de bater.

Olhou no fundo dos seus olhos e disse:

- Eu te entrego a Xaorô, Xaorô vai saber. Xaorô vai cobrar do senhor. Tomara que ele te castigue.

Jimú chorou a manhã toda, ficou chateada com o pai, reclamou por dias que ele só batia nela e nos irmãos não batia. Conversou sob a luz do tempo com Babá Xaorô, contando tudo o que tinha acontecido e queixando-se que ele não havia aparecido para defendê-la. Era uma conversa silenciosa, só ela, as flores, as sombras das árvores e o vento. Mal sabia ela que Xaorô a escutava.

Na semana seguinte teve uma festa no Ilê Agboulá. Giã soube por outros sacerdotes que Babá Xaorô estava pedindo para ver Jimú, que era para levá-la à festa. Ele a comunicou e logo Jimú se alegrou:

- Ôba, vou ver Xaorô!

- Eu só vou te levar porque você fica chamando ele e fica com essa agonia, querendo ver Xaorô, senão, você nem ia - disse Giã.

Nesse dia o barracão do terreiro estava cheio, havia muitos adeptos e visitantes. Começou a festa e lá estava Giã, cumprindo as suas obrigações de sacerdote. Depois do Xirê - roda que saúda os orixás - vieram as cantigas para que chegassem os Egunguns. O primeiro que apareceu foi ele... Xaorô. Apesar do som do atabaque, todos reconheceram sua voz, os olhos de Jimú brilharam.

- Ele chegou, ele chegou!

Xaorô, como de costume, veio bem devagar, em seu tempo. Dançando, saiu e entrou no salão algumas vezes. Parecia estar tramando algo. Sua vestimenta balançava lindamente, seus passos leves e firmes hipnotizavam quem já o conhecia e quem nunca o tinha visto. Misteriosas, as tiras de pano rodopiavam quando ele decidiu parar a música. Ficou no meio do salão com a sua ferramenta, a seta, na mão. Chamou todos os ojés - os sacerdotes do culto a Egungun, inclusive Giã,

que também tinha em sua mão, como os outros, a sua inxã – vara ritualística que tem o poder de chamar ou afastar um Egungun.

Com todos em sua volta, chamou por Jimú e seu pai foi buscá-la. Diante dele a pequena disse:

- Bença, Babá Xaorô.

Ele pediu para que Giã ficasse ao lado de Jimú, porém um pouco mais perto dele. Todos estavam em silêncio, o suspense tomou conta do local. Xaorô ficou alguns minutos olhando para eles, olhou, olhou... e olhou tanto que Giã já estava cismado, mas não podia correr, porque não tinha espaço.



Xaorô então perguntou a ele se tinha fé nos Egunguns. Giã respondeu que sim.

Depois de alguns segundos em silêncio, perguntou se Giã tinha esquecido que ele, Xaorô, tinha tomado Jimú como filha e que, sendo ela filha de Xaorô, Giã não poderia mais tocar as mãos nela. Então revelou que ele presenciou tudo o que fez com Jimú.

Nessa hora, Giã percebeu que seria castigado, tentou ir para trás, mas não tinha como. Xaorô perguntou se ele não era homem suficiente para enfrentá-lo. Mas como lutar com uma entidade ancestral?

Xaorô pediu para que retirassem Jimú da frente, solicitando uma inxã. Ordenou que os sacerdotes não se envolvessem em sua luta com Giã. O Egungun seguia falando:

– Eu estava no momento em que você a amoleceu de porrada, ela gritava por socorro, chamava por mim. Por que você não parou quando ela chamou por mim?

Xaorô informou que ele ia tomar uma surra para aprender a não bater mais em Jimú. E assim, Giã tomou uma surra de inxã, saiu sapecando no salão e parou na cozinha. Xaorô partiu furioso para cima dele, mas os ojés o impediram de continuar. Imploraram para que parasse.

Que vergonha! Todos riram de Giã. Na hora Jimú ficou preocupada, mas depois passou a rir. Ele ficou tão envergonhado que nem entrou novamente no barracão. Quando Xaorô saiu, ele pegou Jimú e foi para casa.

Desde esse dia, não tocou mais em Jimú. E quando ameaçava bater, ela dizia:

- Não me bata que Xaorô tá vendo!
- Não venha me bater, porque Xaorô está vendo!

Ele sempre parava no caminho...

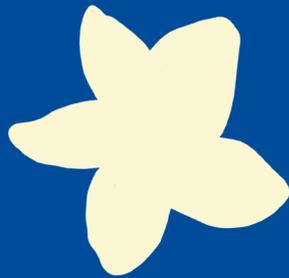
- Venha, Xaorô vai te castigar.

Aí ele parava.

Toda vez que ele ia para cima, ela gritava:

- Xaorô tá vendo, Xaorô vai te castigar!

E, assim, Giã morreu sem jamais tocá-la novamente.



**A HISTÓRIA DE UM
ANJO CHAMADO JASMIN**

Um dia eu estava lanchando e aproveitando a sombra da mangueira ao lado da minha casa quando ouvi um barulho de carro se aproximar. Olhando a estrada, vi o exato momento em que a Kombi parou frente ao sítio e dela desceu um homem, uma mulher e quatro crianças. Uma delas me chamou a atenção, a caçula. Aparentava ter seis anos de idade, era tão linda, tinha o cabelo castanho claro repleto de cachos e os olhos azuis, que mais pareciam lanternas.

Poucos minutos depois, passaram por mim duas senhoras, cochichando. Diziam que a família que acabara de chegar era o filho, a nora e as netas de Dona Bele, uma senhora que morava no início do sítio. Eles moravam em Salvador, mas se mudaram para Ilha de Itaparica, à procura de abrigo e quem os alimentasse, pois os pais haviam se desempregado.

Os meus ouvidos estavam nas senhoras. Já os olhos, acompanhavam aquela família, principalmente a caçulinha que, depois descobri, chamava-se Jasmim. Dona Bele, que morava sozinha, recebeu todos com alegria, mas sabia que não tinha condições de alimentar fartamente todas aquelas bocas. Não lhe faltava comida, mas era tudo bem regrado.

Passei a acompanhá-los de longe e percebi que Jasmim era especial. Ela não brincava com ninguém, nem com suas irmãs. Todos os dias fazia o mesmo trajeto no sítio, saía da casa da avó e ia parando em todas as roseiras e plantas que tivessem flor, para catá-las – eram elas que escutavam as suas alegrias e angústias. A menina trajava vestidos folgadinhos que continham bolsos nas laterais e eram neles que depositava as flores.

Eu tinha o dobro da idade de Jasmim, mas o que eu mais queria era virar sua amiga, fazer-lhe companhia e descobrir o que tanto ela conversava com as flores. Não demorei para me aproximar, comecei a acompanhando em silêncio em suas coletas de flores. Ela apenas me olhava, e eu respeitava o seu tempo. Precistou de uma semana para que ela se sentisse segura e começasse a estabelecer trocas comigo, assim viramos amigas.

Minha casa passou a fazer parte do seu trajeto e todas as vezes que ela aparecia, meus pais a alimentavam, pois sabíamos que ela não comia o suficiente. Rapidamente devorava a refeição, com os olhos medrosos e pregados no prato, mal conseguia nos encarar. A pressa a fazia melar os dedos e até a roupa. Limpava a boca na toalha da mesa e quando acabava de comer, levantava ligeiramente e lavava as mãos com bastante sabão, apagando todo o resquício de alimento do seu corpo. Pelas expressões de Jasmim, sabíamos que seus pais não queriam que ela comesse fora de casa, receando que comentasse sobre as dificuldades que permeavam seu lar. Tudo isso me fazia sentir um aperto no peito quando ela ia embora.

Todas as vezes que saía da minha casa, passava no pé de jasmim em frente à casa de minha vizinha, Dona Inês. Era engraçado ver como ela se escondia no meio da folhagem. Quase como num ritual, abaixava-se, catava todas as florezinhas e levava para casa. Os bolsos do seu vestido seguiam cheios e quando não cabiam todas ali, Jasmim também levava nas mãos. Era como se aquela planta tivesse sido feita para ela.

Fiquei muito doída quando sua mãe descobriu que estávamos a alimentando e a proibiu de ir em nossa casa. Muito orgulhosa, queria manter a falta de recursos financeiros em segredo. Temendo que a filha estivesse espalhando que não tinha alimento suficiente em casa, começou a xingar, ameaçar e bater na pequena. Porém, mesmo estando de castigo, Jasmim dava um jeitinho de catar suas flores e isso despertava a ira da mãe:

– Jasmim! Jasmim! Venha para casa, sua desgraça!

Não o bastante, complementava:

– Olhe, quero que a desgraça te carregue! Nem pra mulher da trouxa te carregar...

Era triste escutar as palavras da sua mãe, a entrega da filha a uma misteriosa criatura de energia tão negativa, chocava a todos do sítio. Percebi que Jasmim já não era a mesma, mal me olhava, evitava a todos, ser tão praguejada certamente era o que mais a enchia de tristeza. Agora vivia sempre de cabeça baixa e as flores eram a única alternativa para aliviar suas dores.

No mês de agosto, em uma tarde de sábado, eu estava indo à casa de Dona Inês brincar com Julieta, sua neta. Quando vi Jasmim passando, de vestido amarelinho, com as mãos no bolso e seu pé ligeiro, pensei, “vai começar sua colheita”, e resolvi acompanhá-la de longe. A mãe estava pegando água na cisterna, no fundo da casa de Vó Índia, quando a viu passar do outro lado do sítio. Chamou pela menina, mas ela não a ouviu.

– Ah, menina miserável. Eu quero que a desgraça te carregue!

Bem nesse momento, Dona Inês passou, presenciou toda a cena e a recriminou severamente:

– Ei! Não fale isso! Isso é muito grave. Como é que você entrega uma criança a uma mulher dessa, tão perversa, a mulher da trouxa?!

A outra apenas deu o silêncio como resposta, colocou a lata d'água na cabeça e foi embora.

Dona Inês me avisou que estava de saída e pediu para que, mesmo assim, eu fosse ver Julieta que estava à minha espera. Balancei a cabeça e segui, meus pés andavam, mas os olhos não enxergavam o chão, somente Jasmim, que catava as flores, inocente das palavras da mãe. Como o jasmineiro ficava ao fundo da casa de Dona Inês, fiquei na varanda da casa, brincando com Julieta, pois sabia que a última parada da menina seria lá.

Já ia dar meio-dia quando ela veio se aproximando e sorrindo para mim. Puxei Julieta e atravessei a casa velozmente, para observar Jasmim catando as flores no quintal de Dona Inês. Demorou alguns minutos, naquele seu ritual e, ao final, olhou para nós, posicionou no peito suas mãozinhas cheia de flores e desfaleceu. Exatamente às 12 horas.

Nunca irei esquecer aquela cena, o corpo de Jasmim parecia flutuar e simplesmente repousar. Corri até ela, em sua face estava desenhado um belo sorriso, mas ela não reagia. Julieta e eu gritamos por ajuda até que algumas pessoas apareceram para nos acudir.

Mesmo assim não houve jeito, ao tentarem reanimá-la, constataram que já estava morta. Bem abaixo do jasmineiro, com as mãozinhas cheias de flores, em cima do peito... Jasmim partiu para o Orun e, em seguida, aquela árvore morreu.

Sua mãe veio desesperada, chorando e logo lembraram a ela:

– Você não vivia entregando sua filha, todos os dias, à mulé da trouxa? Cê fazia isso com a criança, mandando a desgraça carregar a menina! E agora, cê responde o quê?

Todos no sítio ficaram tristes com aquele acontecimento e também revoltados com a crueldade da mãe. Soube-se que ela enterrou o anjo Jasmim na Ilha e dois dias depois foi embora para Salvador, com o restante da família. Depois disso nunca mais se ouviu falar nela.





**OXUMARÊ E EXÚ
SALVAM KÁKÁ**

Depois de treze anos morando no sítio, Yaiá e Giã foram morar em outro lugar. Jimú pensava que mudando de casa pararia de ver e sentir a beleza do mistério dos Orixás e Egun-guns. Mas o mistério não estava presente em seu cotidiano somente por conta do sítio, ele corria em suas veias. Sua força ancestral a tornava diferenciada. Ela nasceu com Ojú Omi, com os olhos de água. Uma digna filha de Oxum, que tinha a sensibilidade da vidência.

Ainda criança, Nira conheceu o mundo encantado com a irmã mais nova, no entanto, quando foi crescendo, seus olhos mediúnicos se fecharam. Já os de Jimú...

Ela tinha vinte e três anos quando seu irmão Káká ficou doente. Ele havia se cortado em um jogo de futebol, realizado em um campinho coberto de lama e fezes de animais. Seu pé abriu, inflamou rapidamente, transformando um corte em algo que poderia até deixá-lo aleijado. Káká gemia de dor, seus pais ficaram desesperados e o levaram ao médico, mas os analgésicos passados não fizeram com que a dor cessasse completamente.

Dois dias depois, por conta da dor que estava sentindo, Káká

chorava compulsivamente, a febre havia aumentado, o pé não parava de inchar e já estava mudando a coloração. Yaiá, muito nervosa, esperava Giã voltar do trabalho para ver a providência que tomariam. Quando ele chegou, deu mais medicação e ficou na espera da melhora do filho, mas Káká só piorou. Assim, resolveram novamente levar o menino ao hospital. Como já era tarde da noite, encontrar transporte era difícil e Giã resolveu ir à casa de um amigo que ficava no centro da cidade para solicitar ajuda.

Yaiá, fez assim:

- Giã, tu vai descer uma hora dessa?
- O que é que tem? Que problema tem?

Jimú e Tito, logo disseram que iam junto com o pai. Ao saírem de casa, Giã explicou:

- Já é tarde e não quero medo, não fiquem com medo de caminhar comigo, pois vamos passar pela porta do cemitério para cortarmos caminho.

Jimú e Tito não gostavam de cemitério, mas engoliram a seco a decisão do pai. Saíram de casa com medo, mas não deixaram transparecer a Giã. Andavam atentos, com os olhos ligeiros. Passaram por uma rua de barro e alcançaram um trecho de matagal, chegando a esse caminho, os matos começaram a se sacudir. Algo assobiou bem forte e eles agarraram o braço do pai.

Giã disse:

- Olhe, eu não quero que ninguém me pegue. Não quero. Não tem criança aqui, fiquem afastados de mim. E eu vou falar logo uma coisa: vocês vieram atrás de mim. Daqui até lá é uma jornada. Vai acontecer muita coisa daqui até a gente chegar lá. Quando ouvirem algo, vocês só escutam, mas não me peguem, por favor.
- Tá certo, pai. - concordaram, mesmo com tanto medo.

Foram subindo e quando chegaram perto da pista, mais assobios. Os pés de cajueiro e aroeira que haviam no caminho se sacudiam muito forte e os assobios pareciam cada vez mais próximos. Giã seguia atento e tentava manter a calma, continuou a pedir aos filhos para que não gritassem, nem se espantassem, porque em um local mais claro ele explicaria o que estava acontecendo.

Mais a frente parou e avisou:

– Ói, vocês não fiquem espantados quando aparecer assobio, árvore balançando, grito, que é Exú que tá acompanhando. É Exú que está acompanhando a gente, ouviu? Que já é tarde demais. Ele tá presente no que está acontecendo com seu irmão. Ele tá ajudando, tá acompanhando pra que nada venha a acontecer de ruim até a gente chegar lá no Centro.

No caminho do cemitério os três escutavam gritos altos e assobios, mas o medo já era menor. Quando chegaram à casa do amigo de Giã, Exú assobiou bem no ouvido deles. Jimú tampou rapidamente suas orelhas e baixou a cabeça. Parecia uma noite de terror, mas foi uma das mais importantes para ela, pois pôde sentir de todas as formas a força daquele Orixá. Sua família nunca estaria sozinha.

O amigo de Giã logo prestou socorro e voltaram para casa no carro. Enquanto conversavam sobre o que estava acontecendo com Káká, Jimú ia observando a rua, os matos, tentando ver Exú, mas nada apareceu. Chegaram em casa, pegaram o menino e o levaram ao médico. No hospital, ele foi anestesiado, teve a sua dor diminuída e voltou para casa, mas fizeram o procedimento incompleto. Dessa forma, Káká não conseguiu dormir, sentia um incômodo absurdo, como se seu pé fosse uma bomba que estivesse prestes a explodir.

Quando amanheceu, bateu na porta de Giã, toda vestida de branco, Aparecida. Foi Jimú quem a atendeu.

– Oi, Aparecida, tudo bem, o que foi?

- Chame sua mãe, por favor.

Quando Yaiá surgiu, Aparecida perguntou:

- Cadê Káká, dona Yaiá?

- Tá aqui, Cidinha!

- Quero vê-lo.

Depois de ver como estava o menino, Aparecida chamou Yaiá, Giã e seus filhos e contou porque ela estava lá.

- Eu saio para trabalhar bem cedinho, mas essa noite não consegui dormir bem. Tive vários sonhos estranhos com meu Orixá Oxumarê e com Exú. Tentei esquecer os sonhos e não dei importância aos sinais. Tomei banho, me arrumei, fiz meu desjejum e fui pegar o transporte. Mas algo dizia que não era isso que eu tinha que fazer... No caminho me senti mal, pedi para descer da Kombi. Eu estava indo para casa quando parei no início da rua de vocês. Oxumarê tomou o meu corpo e pediu para que me avisassem que eu precisava cuidar de Káká, pois se eu não viesse, ele iria perder a perna ou até falecer de tétano. Eu não podia deixar o filho de vocês morrer, então vim ajudar.

Yaiá e Giã choravam e agradeceram à mulher, ela logo pediu para que arrumassem o garoto e imediatamente o levou para o hospital onde ela trabalhava. Lá, avisou que tinha de fazer um procedimento com urgência e, assim, foi salva a perna e a vida de Káká.

Jimú achou a história tão surpreendente que criou por Aparecida um grande apreço. Todas as vezes que a olhava, enxergava Dan, a serpente, e ficava hipnotizada com seus movimentos. Oxumarê estava presente em cada gesto. Coordenava as mãos de Aparecida, renovou o tecido epidérmico de Káká e devolveu a sua perna em perfeito estado. O menino viu Aparecida como um anjo e ela só soltou a sua mão quando sua perna sarou.



A DESOBEDIÊNCIA

O bisavô de Jimú chamava-se Teo e era um africano que veio para o Brasil como escravo. Assim que adquiriu sua liberdade, comprou um sítio na Ilha de Itaparica, no distrito de Mangui-nhos. Casou-se, teve filhos e passou a cultuar em sua terra o seu Orixá ancestral, Ogum Oromina. Conta-se que, em vida, ele fez algo incorreto e Ogum pediu que desfizesse o malfeito, dando-lhe o prazo de sete dias. Teo desobedeceu, desafiou seu Orixá, pegou todos os seus ferros, fez uma alvenaria e enterrou.

Ogum revoltou-se e o abandonou. No sétimo dia, o homem caiu do alto da mangueira na qual costumava descansar sob a sombra. Na queda, quebrou o pescoço e morreu. Seus filhos culpavam o Orixá e decidiram não mais cultuá-lo. Ogum retornou, décadas depois, em um dos netos de Teo, o irmão de Giã, Môa, que fez história no candomblé da Bahia.

A terra de Teo, que passou a pertencer a Ogum, foi abandonada pelos filhos e filhas. Foi Giã, seu neto, por saber da história da família, que legalizou o sítio e passou tudo para seu nome

na intenção de compartilhá-lo ou vendê-lo. Por não ter um bom relacionamento com seu irmão, Môa foi o único que não quis participar da divisão. Ogum o entendeu e, como queria continuar a ser cultuado, pediu para que Môa então procurasse um local de onde ele pudesse ver suas terras. Assim, o homem encontrou um terreno do outro lado do mar, em Salvador, no bairro de Tubarão, de onde se vê Manguinhos.

Giã sabia que ele poderia morar nas terras, compartilhá-las com os familiares, pois era da vontade de Ogum, mas não vendê-las, uma vez que estava enterrado ali algo que pertencia ao Orixá. Então ele foi ao Ilê Agboulá consultar os búzios para saber se os Guias davam-lhe permissão para vender o terreno. Lá, Exú lhe respondeu que ele tinha permissão, mas somente por uma situação de necessidade, e que daí ele precisaria dar uma oferenda aos Orixás com o primeiro dinheiro recebido pela venda.

Mesmo sabendo de toda a história de Ogum Oromina e sendo da religião do candomblé, Giã resolveu desobedecer. Com o dinheiro da primeira venda, viajou e fez compras, trouxe consigo uma televisão – algo raro naquela década – e uma Kombi repleta de alimentos.

Jimú estava na janela do quarto quando o carro parou na frente da casa. Ela falou à mãe que seu pai havia chegado, mas não se deixou contagiar pela alegria das compras, pois sentiu que ele não havia feito o que foi solicitado no jogo de búzios. Tinha consciência de que desobedecer a Ogum podia atrair tragédias.

Jimú tinha os olhos tristes, sérios, e acompanhou a descida do seu pai do banco da frente da Kombi quando ele chegou chamando:

– Yaiá, ô Yaiá!

O motorista pediu que Giã o ajudasse a abrir a mala da Kombi

para pegar as compras e quando eles estavam fazendo isso, saiu de dentro uma criatura estranha. Parecia um homem e ao mesmo tempo um Egungun pequeno, coberto de fitas finas e coloridas. Jimú o achou muito bonito. Seu tamanho fez lembrar o homenzinho (Exú) visto no bambuzal quando foi buscar retalhos com Nira. A diferença é que este era coberto de fitas. Ele saiu da Kombi, passou por cima de Giã e Jimú gritou:



- Paaai, Paaai, sai, sai que ele tá passando por cima, ele vai te pegar. Paaaai!

O que quer que tenha sido aquilo, passou por cima dele e sumiu no mato do terreno que ficava em frente à casa.

Giã assustou-se com o grito de Jimú e quando chegou em casa perguntou:

- Venha cá, você tá ficando maluca, é?

- Não! Foi quando o senhor tava retirando as coisas, saiu de dentro da Kombi... saiu um bolo, voou um bolo de fitas por cima do senhor, quando foi caminhando desceu as fita toda, parecendo um Egun miniatura, pequeno, com a estatura de uma criança de 3 anos.

Giã olhou para a filha e imediatamente entristeceu. Passou o dia pensativo, roendo as unhas, torcendo muito o cabelo e olhando para ela. Até que Jimú teve coragem de perguntar:

- Pai, o senhor não vai dar a oferenda que foi pedida não?

Ele nada respondeu. A partir daquele dia muitas coisas ruins foram acontecendo na família. O irmão e a mãe de Yaiá faleceram, Tito foi operado, Jimú ficou doente e três anos depois Giã também faleceu.

Yaiá então passou a enxergar a terra como uma maldição. Mas foram seus netos, que passaram a cultuar Ogum, que a fizeram entender, que não é o Orixá que fez o mal, pois ele só queria o melhor para todos, a grande culpada por tudo o que aconteceu foi a desobediência.



A VELA

Káká casou-se com Dana, uma mulher tranquila, amável e extrovertida. Tiveram três filhos: Ayó, Kora e Guna. Herdou do pai o gosto de ser galista - criar galos de briga. Na infância, o acompanhava nas rinhas e quando tornou-se adulto, fez dessa prática uma profissão. Dana nunca o reprimiu por isto, mesmo quando ele trocava tudo por uma rinha. Apesar de vez ou outra achar que ele era obsessivo por suas aves, tentava não podar sua felicidade.

Certa vez Káká se envolveu em uma confusão por conta dos galos. Estava ele na quadra da pracinha, que fica próxima à sua casa, jogando futebol. Em uma dividida pela bola, um garoto se machucou e reclamou da forma como Káká chegou nele, como sabia exatamente o que o atingia, xingou seus galos. De temperamento esquentado, Káká partiu para cima dele e deu-lhe um soco. Só que o garoto era menor de idade, chegando em casa, contou aos pais o acontecido e eles resolveram ir à delegacia dar uma queixa.

Dana, Yaiá, Jimú e todos os outros ficaram preocupados, pois

Káká estava errado, era um homem adulto, pai de família e não deveria ter reagido de forma agressiva com um menor de idade. Yaiá chamou Jimú e pediu para que ela acendesse uma vela para seu pai, Giã, para que, do Orun, ele os ajudasse a sair daquela situação. Jimú ficou receosa, pois Giã, em vida, pediu para que ela não acendesse vela e que tomasse muito cuidado, pois atraía Eguns e, a depender do egun, a energia podia não ser tão boa. Então ela disse:

- É, Pai já faleceu e pediu pra que eu não acendesse vela, que, por favor, pediu pela mãe dele e por Xaorô, que eu não acendesse mais vela.

Yaiá fez assim:

- Jimú, mas é um caso de extrema necessidade.

Dana entrou na conversa, pois estava muito preocupada com Káká e com o que poderia acontecer a ele.

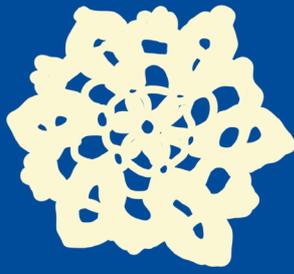
- Ô, Jimú, acenda! Seu Giã vai entender que é um caso de necessidade. Ele não tá mais vivo pra poder defender seu irmão. Assim, Jimú concordou.

Elas estavam no quarto quando conversavam. Dana passava e dobrava as roupas dos filhos. Na cama, uma pilha de roupa, dobradinha, que ela colocaria na cômoda. Quando tornou a solicitar a Jimú que acendesse a vela, explicando que Giã gostava tanto dos filhos, que ele ficaria feliz de poder atender a esse pedido, toda a roupa que estava em cima da cama, na frente delas, se deslocou para debaixo da cama.

Dana empalideceu, seu coração quase saía pela boca, apesar de assustadas, elas apenas se olharam e entenderam aquilo como um sinal. Jimú, então, pediu agô - licença -, foi para o quintal de casa, acendeu a vela e, bem baixinho, conversou com Giã.



No dia seguinte, chegou uma intimação para Káká e ele, prontamente, foi à delegacia. Lá, o delegado colheu seu depoimento e o dispensou, considerou a agressão não grave. Sem demora, chegou em casa, acendeu uma vela de agradecimento e jurou ao pai que nunca mais aquilo iria se repetir.



**O MISTÉRIO
DO SAGRADO**

Giã faleceu aos 65 anos, seus filhos já eram adultos. Todos, exceto Jimú, já eram casados. Nira e Káká, inclusive, já tinham rendido netas e netos. Como em vida Giã era Ojé – sacerdote do culto a Egungun –, quando completasse 7 anos de falecido, voltaria a este plano – o Aiyê, mundo dos vivos –, como um Babá, um espírito ancestral evoluído que veste tiras de pano. No entanto, ele havia pedido aos familiares para que eles só dessem a roupa ao seu Egungun quando ele completasse 14 anos de morte. Por conta disso, sua família viveu muitos momentos que algumas pessoas certamente caracterizariam como sobrenaturais. Desde a infância, Jimú era a que tinha sensibilidade mediúnica e, por ter olhos de água, seguia presenciando o mistério do sagrado.

Era um dia ensolarado, estavam em casa somente ela, sua mãe Yaiá e seu sobrinho Guna, o filho caçula de Káká, que tinha ido visitá-las. O sol invadia a casa que se encontrava toda aberta e o calor fazia o corpo de Jimú suar, molhando toda a sua roupa. Lavava os pratos do almoço e pensava na vida,

na mulher que havia se tornado. Às vezes, pensava que sua vida poderia ter sido diferente. Ela poderia ter casado, tido filhos e não ter sofrido tanto com problemas de saúde que afetaram o útero, os olhos e os seios, caso o pai não tivesse prendido sua Oxum quando ela se manifestou no seu corpo, aos 23 anos.

Ele permitiu que ela ganhasse um posto no culto ao Egungun, mas não deixou que se iniciasse no culto aos Orixás. Volta e meia Jimú lembrava-se dessas coisas, mas evitava pensar. Como a cozinha ficava ao lado do quintal, olhou para a roseira que estava carregada de rosas brancas. Sorriu ao rememorar o quanto seu pai adora aquelas rosas e foi então que escutou um assobio. Imediatamente, parou de lavar os pratos:

– Ô, Guna, é você que tá assobiando?

– Não, tia, não sou eu não.

Logo, associou o assobio aos meninos que moravam na casa do fundo. Estendeu-se no muro e ficou na ponta dos pés para ver se tinha alguém, mas nada viu. Voltou para a cozinha a fim de terminar de lavar os pratos e novamente ouviu o assobio, mais forte dessa vez. Assustou-se. Recuou e pôde sentir um vento abraçar suas pernas. Arrepiou-se. A roseira sacudiu e Jimú gritou.

Guna, que era muito medroso, espantou-se. Negou fazer companhia à tia, pois sabia que ela via coisas que ele não queria testemunhar, e pediu para que ela nem o chamasse.

– Não, tia, não vou não, a senhora já viu isso aí, eu não vou não! Me deixe assistindo meu desenho.

Quando Jimú encostou a porta e continuou lavando os pratos, assobiaram de novo, mas era como se estivessem na porta da frente.

– Guna, é você, Guna?!

– Não sou eu não, tia, não tô escutando nada!

Mesmo receosa, a mulher resolveu ir à porta da frente, na varanda, ver de onde estavam surgindo os assobios. Ao chegar, viu que o portão estava trancado, mas, no meio da rua e em frente a ele, havia uma garota à sua espera. Jimú assistiu a cena mais bonita e misteriosa que até então já tinha visto.

Ela era uma jovem negra de beleza impressionante. Aparentava ter menos de 18 anos, vestia uma blusa cigana e uma saia longa, volante, que torneava o seu corpo e o tornava sensual. As roupas que a cobria eram de um tecido transparente, parecendo filó, porém estampado, trazia rosas bordadas no mesmo tom. A moça estava cheia de acessórios, brincos, braceletes e colares dourados, que brilhavam e combinavam com os trançados dos seus cabelos negros, crespos. Os olhos de Jimú brilhavam feito ouro, pois nunca tinha visto tamanha perfeição. Quando sorriu para Jimú, exibindo a beleza dos seus lábios pintados de vermelho, ela então perguntou:

- O que é?

Mas a jovem não falava, apenas sorria.

Como Jimú estava achando tudo muito estranho, tentou sinalizar para sua mãe, que não estava atenta à cena. Em frente à sua casa existia um terreno baldio, quando ela tirou os olhos da menina e olhou para aquela direção, viu um homem todo vestido de branco - estava acompanhada. Ele não apresentava um rosto, era como se fosse uma silhueta masculina, desprovida de detalhes, apenas preenchida de preto e vestida com uma linda roupa branca, na cabeça um chapéu também branco.

Jimú sinalizou para Yaiá outra vez, mas esta não viu nos olhos da filha o assombro e foi saber o que estava acontecendo. Quando chegou perto e viu a moça e o rapaz, Jimú perguntou:

- Mãe, você consegue enxergar o que estou vendo?

- Sim! - Yaiá também estava pasma.

Com as duas ali, juntas, eles então iniciaram o que foram fazer.

A moça caminhou até o homem e se posicionou ao seu lado esquerdo. Ao meio havia um objeto que depois elas perceberam que era um tabuleiro coberto com um pano branco. Com todo cuidado e sem tirar os olhos de Jimú, a jovem o descobriu, segurou em uma ponta do tecido e deu a outra ao homem que, em movimentos lentos, também o segurou. Levantaram-no como se fosse um véu, um alá, cobrindo suas cabeças, e levaram-no para perto da jaqueira que existia no terreno. Depois, estenderam-no ao chão, colocaram o tabuleiro em cima do tecido e foram o cobrindo, delicadamente. Quando terminaram, olharam para elas, colocaram as mãos no peito e...

PÁ!

Só ouviram um som de estouro.

Os dois sumiram, parecendo fumaça sendo levada pelo vento. Nada ficou, apenas a lembrança.

Yaiá e Jimú não acreditaram que tinham visto aquela cena. Abriram o portão de casa, correram o terreno para encontrar vestígios dos dois ou dos objetos... NADA. Foram até a praça, enlouquecidas, andaram todo o quarteirão, até que, cansadas, desistiram.

- Mãe, a gente tá sem noção, bora cair em si. Isso não foi normal, não...

- É mesmo, Jimú... Inclusive, amanhã é aniversário de seu pai.

Foi então que elas vieram a conectar os fatos. Depois do falecimento de Giã, sempre que estava perto do seu aniversário, Jimú tinha alguma visão e muitas eram compartilhadas com sua mãe. E isso só parou depois de quatorze anos, quando Giã, enfim, se tornou Egungun. Naquele dia misterioso, Jimú acredita que viu os Orixás do seu pai, pois ele era de Oxalá e Oxum. E dessa passagem, ela sente muitas saudades.





**JIMÚ, SOU EU,
SEU PAI...**

Aos quarenta e cinco anos, Jimú morava somente com Yaiá, pois todos os seus irmãos haviam se casado e estavam em suas próprias residências. A casa delas tinha três quartos, uma sala confortável, uma cozinha pequena e um banheiro. Era rodeada por varandas e aos fundos, atrás da cozinha, ficava o quintal. Desde a morte do companheiro, a mãe mudou de quarto, pois sentia fortemente a sua presença naquele que era dividido por ambos. Como não tinha medo dos mortos, Jimú decidiu ocupar o cômodo.

Nessa idade, Jimú sentia algumas dores em seu maxilar e, estranhamente, ela ia aumentando. Era no quarto onde, sozinha, todas as noites, antes de dormir, ajoelhava-se e pedia a Deus, Orixás e Egunguns, pela sua saúde. Pedia também que eles tomassem conta da sua família e os livrassem das mazelas da vida, principalmente as crianças, pelas quais tinha muito apreço.

Um dia, após suas orações, Jimú deitou-se, respirou fundo e

fechou os olhos. Foi quando sentiu uma mão passando pelo seu corpo, pressionando seu ombro... depois a empurrando para fora da cama. Jimú paralisou e se cobriu da cabeça aos pés:

- Eu não vou sair, vou ficar aqui.

Ao calar-se ainda ouviu:

- Jimú, ô Jimú, sou eu, seu pai!!!

- Eu não tô acreditando. - ela então respondeu.

Assim que fechou a boca, Jimú ouviu uma batida na janela do quarto onde estava. Automaticamente, levantou-se, carregou o colchão e nem lembrou-se do peso, assustada, atravessou a sala rapidamente e invadiu o quarto da Mãe.

- Mãeeeeee...

Yaiá acordou assustada:

- O que é? O que é?

- Pai estava me chamando, pediu pra que eu saísse do quarto, disse que não era por nada não, que o meu corpo não ia aguentar, que era temporariamente.

- Venha, se deita aqui - Yaiá recomendou.

A partir daquele dia, Jimú foi adoecendo. Seguiu o aviso do seu pai e passou a dividir o quarto da frente com a mãe. As dores que lhe acometiam se tornaram indescritíveis, ela desenvolveu um trauma na face, os médicos sabiam qual era seu problema, mas não entendiam como ela conseguia suportar tanta dor. Os músculos do seu rosto estavam soltos, Jimú chorava e gemia a todo momento. Seus familiares não conseguiam visitá-la porque não suportavam ver o seu sofrimento. Foi Yaiá que, sozinha, aguentou angustiada os lamentos da filha.

Por que aconteceu isso com ela? Mistério... uns dizem que foi fruto de uma das suas brigas com Káká, outros afirmam que

foi um feitiço que lhe lançaram, já alguns falavam que estava acontecendo o que tinha de acontecer. Contavam que seu tio Marinheiro, irmão de Yaiá, tinha a mediunidade avançada e profetizou, em vida, a idade com que ele, Giã e Jimú faleceriam. Assim, todos já sabiam que ela partiria aos 45 anos. Coincidência ou não, era no ano em que Giã faria 14 anos de falecido.

Yaiá sempre permanecia ao lado da filha, pois tinha medo que lhe faltasse ar. À noite, colocava o colchão encostado na cama e ficava monitorando, observando sua pulsação e temperatura. Um dia, Yaiá estava super agitada porque Jimú estava sentindo falta de ar e agonizando de dor. Não aguentando presenciar o sofrimento da filha, que já faria um mês naquela situação, começou a chamar por Giã. Esqueceu-se que no início da enfermidade ela foi ao terreiro e lá avisaram que o espírito do pai estava em Jimú, segurando o seu corpo, para que ela conseguisse suportar toda a dor. Ele amenizava seu sofrimento e só pôde fazer isso porque ainda não havia se tornado Egungun – parece que ele já sabia que aos 45 anos sua filha passaria por uma grave doença e resolveu ficar em terra, para poder ajudá-la.

Naquela noite, achando que a filha morreria, Yaiá levantou-se e começou a chamá-lo. Mas Jimú a notifica:

– Mãe, não precisa não, não chama por ele, pois eu já o sinto perto de mim.

Em seguida, a aconselhou que fosse dormir, e foi quando ouviram Giã:

– Jimú! Jimú, sou eu, seu pai! É seu pai, Jimú!

Assim que terminou de falar, apareceu para Yaiá, aos pés da cama onde estava a filha doente. Imediatamente Yaiá desmaiou, caiu amolecidamente e por pouco não bate com a cabeça na beira da cama. Jimú então pediu para que seu pai partisse. Agradeceu pelo cuidado, ele a deu forças para ficar

em pé e acudir a mãe. Poucas horas depois, graças à fé em Deus, em Oxum e em Giã (pois viu com os próprios olhos que não estava sozinha), reduziram suas dores. Jimú se recuperou, gradualmente, passou, viva, pela fase mais difícil da sua vida: os seus 45 anos.

Saudável e feliz, no início do ano seguinte, deu a roupa do Egungun de Giã, Ihe agradeceu por ter cedido sua energia a ela e por ter levado embora a sua doença.



**O GALO DE
BABÁ XAORÔ**

A festa de junho, do Ilê Agboulá, estava chegando e Jimú decidiu ofertar um galo ao Egun que a tomou como filha, Babá Xaorô. Assim, foi à feira e comprou a ave mais bonita que encontrou, chegando em casa, o colocou no jigo – gaiola – e passou a alimentá-lo. Ainda faltavam alguns dias para a festa e ela precisava cuidar bem do galo para que Xaorô o recebesse feliz.

Mas Jimú foi murchando e acabou não indo à festa. Decidiu ir à próxima, que seria em setembro, e para isso devia continuar alimentando o galo e o preservar saudável e bonito, pois sabia que não se podia ficar nas mãos com algo prometido a um Egungun. Jimú ficou contente ao vê-lo desenvolver-se e já estava ansiosa para a entregá-lo a Babá Xaorô.

– Vou dar o Galo a Xaorô em setembro, eu dou como sem falta.

No final de agosto, Jimú foi ao mercado e comprou cachaça, vinho, camarão seco, azeite, dentre outros ingredientes, para

ofertar o galo a Xaorô. Voltando para casa encontrou um sacerdote no caminho.

- Olá, Tio Velho!

- Olá, Jimú.

- Tio, estou com um galo lá pra dar a Xaorô. Quero dar na próxima festa, em setembro, já vim comprar até os ingredientes.

- Menina, então quer dar agora? Subimos e entregamos.

- Não, vou deixar para a festa de setembro, porque eu não me preparei para subir agora.

O galo cresceu, ficou gordo, brilhante e colorido. Em setembro, algo instigante começou a acontecer, começaram a passar vários sacerdotes na rua de Jimú e ela logo desconfiou, era um sinal de Xaorô, ele queria seu galo. Mas ela só queria entregá-lo ao Tio Velho, que foi a quem ela avisou que desejava dar uma oferenda ao Babá.

Até Yayá estranhou a movimentação na rua, comentou que estava passando muitos Ojés e isso indicava que Jimú deveria mandar levarem o galo.

No início da tarde seguinte, dia 6 de setembro, elas estavam almoçando, quando o jigo onde estava o galo abriu e ele pulou. Yayá viu algo passar na varanda e disse:

- Você viu, Jimú?

- Vi, passou aqui pro lado da janela.

Daqui a pouco, quando elas olharam para o lado da porta, viram outro grande vulto.

- Eu vi, mãe, passou pra cá!

Nesse momento, começaram a escutar caminhadas arrastadas do lado da varanda. Yayá logo pensou que era um invasor.

- Ih, Jimú, cê deixou o portão aberto, entrou gente aí...

- Não entrou não, mainha.

A ventania dominou o espaço, a comida já não tinha gosto e a tensão estava no ar. O que estava acontecendo, elas não sabiam. Consideraram correr, mas pensaram melhor e viram que poderia não ser a melhor opção. Foi quando o galo pousou gigante na porta da frente, esparramando-se.

- Jimú!!!

Tio Velho a chamou no portão.

Elas se olharam e entenderam tudo, era a hora do galo ir embora. Levantou devagar, chegou à janela e pediu para que Tio Velho viesse com cautela, pois o galo tinha se soltado e poderia fugir. Elas contaram a ele que o jigo estava bem fechado, e que não sabia como ele tinha escapado.

- Essas coisas são assim... Mas eu vim pegá-lo! E tá bonito - Tio Velho respondeu.

Abaixou-se com calma, pegou o galo e, a pedido delas, deu uma volta pela varanda para ver se havia alguém, por conta do barulho de pisada que escutaram. Ele nada encontrou. Jimú entregou-lhe os ingredientes para o preparo do galo, as bebidas, as velas e um dinheiro para colocar no chão, em agradecimento à entrega da oferenda:

- Olhe, Jimú, tô levando, mas eu acho melhor você subir. Porque eu vou dar oferenda ao Egun, mas é melhor você estar. Quando a gente dá um galo, é melhor a pessoa estar presente.

- Ô, Tio Velho, eu queria apenas ofertar, não queria ir.

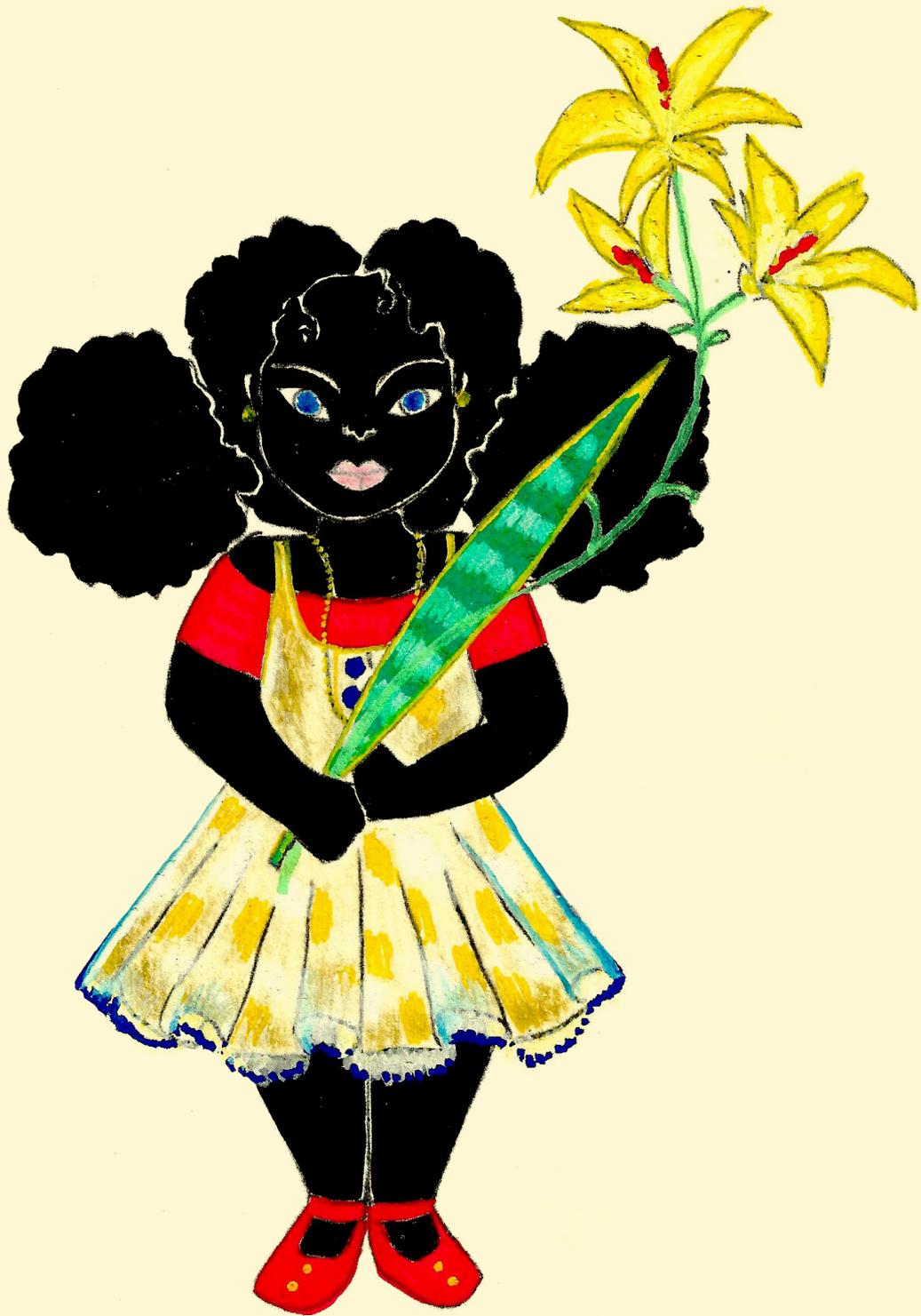
- Nem que seja pra você subir pra festa... já tá errado eu levar e você não estar presente. Mas suba pra festa, pra poder o Egun sair, agradecer e você ver que realmente foi dado.

Jimú confirmou que não iria, pois não estava disposta.

Quando a noite chegou, ela foi atraída pela energia de Xaorô.

Junto de suas sobrinhas, começaram a cantar para o Egungun e de repente já estavam se arrumando para prestigiar a festa no Ilê Agboulá. Babá Xaorô ficou contente com o seu presente e mais ainda com a sua presença.

- Benção, Babá Xaorô. Eu tenho fé no senhor, meu pai - respondeu Jimú, quando ele a chamou...



POSFÁCIO

Me chamo Edith Pereira Nobre, nasci em um sítio na Ilha de Itaparica, no mês de agosto de 1965. Meus pais Arivaldo e Agnela tiveram 4 filhos, sou a segunda filha do casal e a única que nasceu pelas mãos de uma parteira. Seu nome era Flaviana, era uma filha de africanos que herdou dos seus pais o culto aos Orixás, e foi por Oxum que ela chamou em meu nascimento. O local que nasci era repleto de mistérios e Axé, que até os dias de hoje se mantêm vivos. O sítio pertencia ao finado Marcos, um grande sacerdote do culto a Egungun. Os mais velhos acreditavam que esse era um dos motivos para acontecer tantas coisas sobrenaturais naquele espaço, e por isso deram o nome de sítio da magia.

Ainda criança comecei a experienciar a força das entidades Afro-brasileiras, os Orixás e Egunguns. Sentia-me diferente das outras crianças e chegava a ficar aborrecida, pois minha vida estava dividida entre o sagrado e o profano. A minha fé por Oxum, por Baba Xaorô e por todos os Orixás e Egunguns só se fortaleceu com o passar dos anos. Nunca tive medo de presenciar os mistérios da vida, sempre vi beleza no desconhecido. Fui receosa e feliz em cada visão que tive, vivi alegrias, tristezas e criei coragem enxergando coisas do sobrenatural. Oxum com certeza tem parte nisso, pois sou sua filha. E as filhas de Oxum são intuitivas, enxergam para além das

fronteiras e estão sempre se encantando com o que as águas lhes mostram. Rememoro essas passagens com muito afeto, enxerguei coisas durante a minha vida que jamais se apagarão dos meus pensamentos.

Creio que tudo que vivi também tem uma grande influência por meu pai, Arivaldo Nobre, ser sacerdote do Culto a Egungun no Terreiro Ilê Omô Agboulá. Aos 5 anos de idade Babá Xaorô me tomou como filha e aos 22 anos recebi e confirmei o meu posto Otun Ayrá Deyin no Agboulá. Contudo, meu pai não permitiu que eu me iniciasse no culto a Orixá e, somente após 14 anos de sua morte, vim a cuidar de Oxum, meu Orixá de cabeça. Acredito que as minhas visões eram a forma de Oxum se mostrar presente em minha vida, de me mostrar que nunca me abandonaria. Hoje, faço parte do terreiro que eu devia ter me iniciado ainda pequena, o Ilê Asé Ogum Alakayiê, fundado por Tio Moacyr, irmão de meu pai, em 1989.

Minha vida é reflexo do que vivi. Aprendi desde pequena, através das visões, a amar, zelar e respeitar minha família e minha religião, que é o candomblé. Tenho saudade da minha infância e adolescência, mas me sinto feliz pela mulher que me tornei. Sigo costurando roupas para as bonecas das minhas sobrinhas e compartilhando as minhas lembranças que aqui se eternizam lindamente através de contos produzidos por minha sobrinha, Aislane Nobre.

Agradeço a Olorun, Orixás, Egunguns e a minha família, especialmente a Aislane, pois foi ela quem, com a ajuda dos Orixás, acendeu a luz que estava faltando em mim, luz da coragem para expor o que eu sempre guardei... as minhas memórias.

Ela escreveu esses contos com tanto realismo, que parece ter vivido comigo a minha infância e juventude.

A vida é feita de mistérios... nunca duvidem disso!

Edith Nobre

SOBRE A AUTORA

Aislane Nobre é natural da Ilha de Itaparica. Tornou-se bacharel em artes plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Atualmente como mestranda em Processo de Criação Artística pelo PPGAV- UFBA, integra o Grupo de Pesquisa Arte Híbrida CNPq, e pesquisa a cor como um marcador da racialização de corpos negros e como parâmetro de afetividade em sua família, inter-racial.

Trabalhou, por cinco anos (2011 a 2016), como Arte educadora no Museu Afro-Brasileiro da UFBA, onde deu profundidade à sua investigação artística, assim como no Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (MUNCAB), como assistente de museologia de 2016 a 2018. Desde 2011 além de se dedicar a arte educação, vem produzindo exposições individuais, ministrando oficinas, participando de palestras, mostras coletivas, residências artísticas e projetos em colaboração. Sempre visando a arte como caminho viável para o fortalecimento identitário.

©Aislane Nobre, 2021.

©andarilha edições, 2021.

Todos os créditos fotográficos e digitais pertencem à autora. A reprodução parcial deste livro, sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico, está autorizada, desde que citada a fonte.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nobre, Aislane

Jimú [livro eletrônico] : memórias das águas /
Aislane Nobre ; [ilustrações Aislane Nobre, Ludmila
Mendes de Andrade Nobre, Nathália Nobre da Silva]. --
1. ed. -- Conceição da Feira, BA : Andarilha Edições,
2021.

PDF

ISBN 978-65-994333-4-4

1. Contos brasileiros 2. Cultura afro-brasileira
I. Nobre, Ludmila Mendes de Andrade. II. Silva,
Nathália Nobre da. III. Título.

21-61756

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

FICHA TÉCNICA

colaboradora

Edith Pereira Nobre

transcrição

Eduardo Pereira

edição de áudio

Filipe Mimoso

edição e revisão

Deisiane Barbosa

Maíra Vale

projeto gráfico

Deisiane Barbosa

Thais Mota

diagramação

Thais Mota

ilustrações

Aislane Nobre

Ludmila Mendes de Andrade Nobre

Nathália Nobre da Silva

Tassila Custodes

ilustração de capa

Tassila Custodes

ILUSTRAÇÕES

1. foto capa. pag. 1

o universo de Jimú. arte digital, realizada em São Luís, Maranhão. Tassila Custodes, 2021.

2. foto pag. 6

árvore do mistério, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Nathália Nobre da Silva, 2021.

3. foto pag. 13

a Erê, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Aislane Nobre, 2021.

4. foto pag. 18

retalhos, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Nathália Nobre da Silva, 2021.

5. foto pag. 23

o boneco da porteira, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Nathália Nobre da Silva, 2021.

6. foto pag. 34

Rosa, arte digital, realizada na Ilha de Itaparica, Bahia. Ludmila Mendes de Andrade Nobre, 2021.

7. foto pag. 40

babá Xaorô, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Aislane Nobre, 2021.

8. foto pag. 48

o olhar de Jasmim, arte digital, realizada na Ilha de Itaparica, Bahia. Ludmila Mendes de Andrade Nobre, 2021.

9. foto pag. 57

homenzinho de fitas, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Nathália Nobre da Silva, 2021.

10. foto pag. 61

a vela, arte digital, realizada na Ilha de Itaparica, Bahia. Ludmila Mendes de Andrade Nobre, 2021.

11. foto pag. 68

Oxum e Oxalá, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Aislane Nobre, 2021.

12. foto pag. 79

Jimú, posca sobre papel de algodão, realizada em Salvador, Bahia. Aislane Nobre, 2021.

13. Grafismos, pag. 10, 15, 20, 25, 29, 32, 35,43,49,54, 59, 63, 69, 74, arte digital, realizada em São Luís, Maranhão. Tassila Custodes, 2021.



O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio Financeiro:



**GOVERNO
DO ESTADO**

SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Este livro foi composto em tipografia gotham book, no corpo, black ground, nos títulos. Uma publicação da andarilha edições, produzida entre março e abril de 2021.



Povoado do Cruzeiro, zona rural
44320-000, Conceição da Feira - Ba
www.andarilhaedicoes.com.br
andarilhaedicoes@gmail.com
[@andarilhaedicoes](https://www.instagram.com/andarilhaedicoes)

Apoio Financeiro:

